

# Colóquio de Recife

## A Formação do Analista na Escola<sup>1</sup>

por  
Luiz-Olyntho Telles da Silva

### 1) Sobre a Formação:

Não há formação (singular) do analista. Lacan fala em formações (plural) do inconsciente;

Passagem pelo feminino (não-todo) como condição para aceder ao lugar do analista;

$$\begin{array}{cc} \exists x \overline{\Phi x} & \overline{\exists x \Phi x} \\ \forall x \Phi x & \overline{\forall x \Phi x} \end{array}$$

**Só a experiência é a única garantia;**

E para que o Passe? – Para pensar a importância do Passe, a importância da passagem pelo feminino e seu valor social, lembrei de um mito. Para mim é sempre uma maneira de retornar às preocupações de nossos antecedentes.

Antes lhes apontei o título do filme de Pabst, *Os mistérios da alma*. Pois agora quero falar-lhes de outro mistério. Mistério, como já veremos, é o que atrai nossa atenção.

Queria falar-lhes de **Perséfone**. E a primeira de suas características a destacar é sua relação ao Outro, Deméter, sua mãe, sua grande mãe. Deméter é também a deusa materna da terra cultivada. Não devemos confundi-la com Géia, deusa da terra enquanto elemento cosmogônico.

---

<sup>1</sup> Estas notas foram levantadas por Maria da Glória S. Telles da Silva a partir de meus textos sobre o tema. A ela devo sua organização. Eu apenas incluí os textos em azul e um que outro ponto.

Deméter é essencialmente a deusa do trigo, esta semente com a qual fazemos o pão nosso de cada dia.

Perséfone é filha dessa deusa junto com Zeus.

Lembremos de Zeus que para poder ser pai precisou superar o seu. Cronos comia os filhos, como se não quisesse concorrência, e ao matá-lo, Zeus libertou seus irmãos, entre eles Deméter e Hades a quem coube, após a luta com os Titãs, o império situado no *seio das trevas brumosas*. Com quem podem ver, estamos em família, e os laços de família - como poderia dizer o impressionante João Câmara - são sempre poderosos. Subjugado a essa força, Hades é tomado de amores por sua sobrinha Perséfone, também conhecida como Core. Podemos mesmo imaginar o Hades, apaixonado, chamando Perséfone de *meu coraçãozinho*. É nessa condição que, através de um conluio com seu irmão Zeus, Hades rapta sua amada.

E como foi o rapto? Pois Perséfone colhia florzinhas, distraída, como quem não quer nada, pelos campos, pelos bosques, pela estrada a fora - dando o maior mole como certamente interpretaria Brennand, fissurado em seu chapeuzinho vermelho - quando de repente a terra se abriu e Hades a conduziu às entranhas do mundo ctônico. Para meu gosto, uma linda metáfora para falar dos enlaces amorosos.

A vida é assim: alegria de uns, tristeza de outros. E assim entramos no ponto da nossa preocupação.

Enquanto os amantes gozam das entranhas, Deméter, a mãe de Perséfone, se desespera com o sumiço da filha. É interessante, é uma deusa, onisciente por certo, como soem ser os deuses, mas desse gozo ela não sabe! Conta a história que ela passa então nove dias - com um archote em cada mão - procurando pela filha pelo mundo inteiro, e nada. Só a descobre com a ajuda de Hélio, o sol que tudo vê.

Irritada, Deméter decide não mais voltar ao Olimpo, renunciando à sua vida divina até lhe devolverem a filha. Tranca-se em um templo a ela dedicado e espera.

Quando a terra começa a secar e a messe já não enlourece, Zeus cede e negocia com Hades a devolução de Perséfone: ela ficaria quatro meses com o marido e oito com a mãe.

Restituída a filha, Deméter volta ao convívio do Olimpo, a terra se pinta de verde e a vida continua.

Mas antes de retornar, Deméter, agradecida, ensina ao rei de Elêusis os mistérios que ficaram conhecidos como os **Mistérios de Elêusis**. Em geral esses mistérios são condensados no apotegma:

ὄργια καλά, σεμνά

ὄργια - mistérios de Dioniso; qualquer cerimônia religiosa.

καλά - morrer; fazer-se palha – o *sicut palea* de San Thomas D’Aquino.

σεμνά - renascer altaneiro.

Esse era o penhor de felicidade para vida e para além da morte.

O que dá origem aos mistérios é a descida, a *catábase*, e o retorno, a *anábase* de Perséfone. Ela é o próprio grão de trigo que precisa estar sumido por um tempo, enterrado, quem sabe mesmo em sua *splendid isolation*, para então retornar revigorado e multiplicado.

Se me permitem uma transliteração de ὄργια καλά, σεμνά, diria: *ara e colhe o semeado*.

Schiboleth

A esse óbvio, vejam como se chegava. Era preciso passar pelos *pequenos mistérios*, prelúdio aos *grandes mistérios*. Trata-se de uma iniciação de primeiro e segundo grau.

O primeiro grau era conhecido como τελετή. (cumprimento, realização – algo a ver com o que Freud chamava de *einshülung* quando se referia ao desejo)

O segundo era a ἐποπτεία, do verbo ἐποπτεύειν, observar, contemplar, de modo que a *epoptéia* seria a visão suprema, a revelação completa.

A maioria dos iniciados parecia ficar na *teleté*. Raros completaram a segunda fase.

E esta primeira parte consistia de três elementos:

δρώμενα – o terror da ignorância seguido do deslumbramento pela introdução da luz dos archotes, do sol, do conhecimento que se apresenta como possível.

λεγόμενα – é quando se fala lacanês, quando se repetem fórmulas iniciáticas. Não está mal, com a condição de se estar advertido de que só isso não basta. – A raiz λεγό tem a ver com deitar, com ficar inativo o que pode ser associado com o divã que possibilita o relaxamento do corpo material em prol do advento da outra cena: ὄργια καλά, σεμνά

δεικνύμενα – ação de mostrar o que é mostrado. Trata-se de um conhecimento da função do sexual na vida do homem e da natureza. – É tb. um tempo de mostrar o que se sabe.

**O lugar do escrito (letra) para produzir (ou dar sustentação) a Escola;**

## 2) Sobre o Analista:

“A análise se ocupa muito especialmente do que não anda bem; é uma função ainda mais impossível que as outras (governar e educar), (...) se ocupa dessa coisa que é necessário chamar por seu nome, (...) me refiro ao real. (...) A diferença entre o que anda e o que não anda, é que o primeiro é o mundo, o mundo vai, gira redondo, é sua função de mundo. Os analistas se ocupam com o inundo”. (Lacan, 7 congresso da Escola Freudiana)

Como começa uma análise?

- sintoma: manter as coisas como estão (da ordem do real);

- transferência: SSS {produz análise que produz um analista};  
transferência é efeito de discurso;

A psicanálise se ocupa do que não anda; do real, do inundo;

Como termina uma análise?

Como se reconhece um analista?

Analista: é um lugar (na estrutura); é uma função (lógica) impossível (como educar, governar) [o que não cessa de não se inscreve];

Função do analista: reter o significante que determina o sujeito;

Sustentar o discurso analítico (sustentar a máxima distância entre o ideal e o objeto);

Implicações éticas de (uma formação) sustentar esse discurso;

Trabalho da transferência: supõe um Outro – amor (ao próximo) ao saber – demanda de reconhecimento (do eu) – análise (reconhece sua posição sexual: teoria do particular)

O caso do ‘grande mandamento’: encontrei-o em São Lucas (10:27) e parece representar a síntese cristã dos dez do *Antigo Testamento*. Aparece quando um legista, para criar uma situação de embaraço - é assim que Lucas se expressa - pergunta a Cristo: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Cristo, por sua vez, responde com outra pergunta: - O

que diz a lei sobre o assunto? E o doutor recita: “Amarás o senhor teu Deus, de todo o coração, de toda a alma, com toda a tua força e a do teu entendimento; e ao teu próximo como a ti mesmo.”

O ‘grande mandamento’ é uma síntese dos dez mandamentos. As duas partes: amarás [de um lado] a Deus e [de outro] ao próximo, sintetizam todos os dez. Segundo a tradição judaica, os primeiros cinco mandamentos descrevem os deveres do homem para com Deus, e os cinco últimos suas responsabilidades para com o próximo: *não pecar contra a castidade, não furtar, não levantar falso testemunho, não desejar a mulher do próximo, [e] não cobiçar as coisas alheias*. No meio destes cinco últimos mandamentos, como que para dar-lhes um equilíbrio, está justamente a interdição ao falso testemunho, a interdição à mentira. Ao proibi-la, a Lei a inclui como um desejo fundamental, junto ao desejo do incesto. É através da mentira que se dá a relação essencial do homem com *Das Ding*, com a Coisa. Ao proibir, a Lei diz da importância do proibido. O futuro do presente determina: *amarás* ao próximo, como em uma espécie de formação reativa (*Reaktionbildung*) ao infinitivo presente e impessoal *desejar*. Pela forma negativa, pela *Verneinung*, a Lei diz que o que se deseja são as coisas e a mulher do próximo, os mandamentos 6 e 7, ‘não cometer adultério’ e ‘não roubar’, são singelos corolários, e se para obter o que queres, o teu próximo te atrapalha, não o mates, ‘ama-o’! – Talvez se possa pensar a partir disso, os efeitos do desejo enquanto *desejo do Outro*.

**Transferência de trabalho:** o Outro cai (é barrado) – desejo (das coisas) ao saber – suportar o horror ao saber – produção na Instituição (Escola)

### 3) Sobre a Escola:

Instituição é = a Escola?

Escola implica em nomeação?

O que é uma Escola no campo da psicanálise?

O que se diz quando se diz Escola lacaniana?

Qual a função da Escola na formação do analista?

Será que a Escola se faz apenas com os que estão dentro de uma instituição?

Instituição X Sociedade:

- Por que fazer parte?
- sua estrutura;
- produzir sobre a experiência clínica;
- ser escutado por outros (Outros): receber os efeitos de seu discurso;
- só se pode estar sob transferência ( de um nome; de um texto; de um mestre);
- uma instituição não poderia, a priori, julgar quem poderá alcançar este lugar que se exige a um analista (instâncias de poder)

Quando se estrutura uma Escola de Psicanálise, isso, por si só, não exclui os fenômenos de grupo, próprios dos grupos, queira-se ou não. Se não podemos eliminá-los, precisamos ao menos estar advertidos.

- Efeitos de grupo

(liderança – mantém o Outro sem barra)

X

Efeitos de discurso

(ignora o que fala – o sujeito está cindido – o Outro está barrado – efeito surge no que escuta)